

O cotovia-leão queixoso e saltitante

Era uma vez um homem que precisava fazer uma longa viagem e, ao se despedir, perguntou às suas três filhas o que deveriam trazer-lhes de presente.

Então a mais velha desejou pérolas, a segunda diamantes, e a terceira disse: "Pai, trouxe-me uma cotovia-leão que canta e salta". O pai respondeu: "Está bem, se eu conseguir, trarei para ti", beijou as três filhas e partiu.

Quando já estava no caminho de volta para casa, trazia consigo as pérolas e os diamantes para as duas filhas mais velhas, mas procurara em vão por toda parte pelo cantor e saltador, a cotovia-leão, para a filha mais nova, e isso lhe causava ainda mais pesar porque essa filha era a sua favorita.

Seu caminho passava por uma floresta, e no meio dessa floresta havia um belo castelo; perto do castelo crescia uma árvore, e no seu topo mais alto cantava e saltitava a cotovia-leão. "Eis que apareceste muito a propósito diante dos meus olhos", disse ele, completamente satisfeito, e ordenou ao seu servo que subisse na árvore e capturasse o passarinho.

Mas assim que se aproximou da árvore, debaixo dela saltou um leão, sacudiu-se e rugiu com tal força que as folhas das árvores caíram. "Destroçarei aquele que ousar roubar de mim o meu cantarino e saltitante passarinho!", gritou o leão furioso.

Então o pai disse: "Eu não sabia nem imaginava que o pássaro te pertencesse; estou pronto a reparar minha culpa e pagar-te um resgate valioso — peço apenas que poupes minha vida".

O leão respondeu a isso: "Nada pode salvar-te, a menos que prometas entregar-me aquilo que, ao retornares para casa, primeiro te encontrar; se me fizeres essa promessa, dou-te a vida e, além disso, ofereço minha cotovia para tua filha".

O pai hesitou em concordar com isso e disse: "Facilmente pode acontecer que minha filha mais nova seja a primeira a encontrar-me, pois ela, entre todas as filhas, é a que mais me ama e sempre corre ao meu encontro quando volto de viagens".

Mas o servo, temendo por seu senhor, disse: "Por que necessariamente vossa filha deveria ser a primeira a encontrar-vos, e não um gato ou um cão?"

Assim, o pai deixou-se convencer, levou consigo a cotovia que canta e salta e prometeu entregar ao leão, em plena propriedade, aquilo que primeiro lhe ocorresse ao voltar para casa.

Quando chegou em casa e entrou, a primeira a sair ao seu encontro foi sua filha mais nova e querida. Ela correu até ele, beijou-o e abraçou-o, e quando viu que ele lhe trouxera a cotovia que canta e salta, ficou fora de si de alegria.

Mas o pai não conseguia alegrar-se; pelo contrário, chorou e disse: "Minha cara criança, comprei este pequeno pássaro por um preço muito alto — por ele tive de prometer entregar-te a um leão selvagem para que te destroçasse"; e, contando-lhe tudo como acontecera, suplicou-lhe que não fosse ao leão, acontecesse o que acontecesse.

Mas a filha consolou-o e disse: "Caro pai! Vossa promessa deve ser cumprida; irei ao leão e tentarei amansá-lo, e espero retornar a vós ilesa".

Na manhã seguinte, pediu que lhe indicassem o caminho até aquele castelo, despediu-se do pai e entrou calmamente na floresta.

Aquele leão era um príncipe encantado que, durante o dia, tinha a forma de um leão, e todos os seus servos também eram leões; à noite, porém, todos recuperavam sua forma humana.

A donzela foi recebida pelo leão com grande alegria e conduzida ao castelo.

Ao cair da noite, ele transformou-se num belo jovem e celebrou solenemente o casamento com a donzela. Viviam juntos em plena felicidade e harmonia; dormiam de dia e permaneciam acordados à noite.

Certo dia, o leão veio ter com sua esposa e disse-lhe: "Amanhã haverá uma grande festa na casa de teu pai — tua irmã mais velha vai casar-se, e se desejas estar nessa festa, meus leões levar-te-ão até lá". Ela respondeu que gostaria muito de ver o pai, partiu para a casa paterna, e os leões a acompanharam.

Todos se alegraram com sua chegada, pois já pensavam que o leão há muito a havia destroçado e que ela não estava mais viva.

Ela contou que tinha um marido maravilhoso e como vivia bem, e, depois de passar com eles todo o tempo das festividades do casamento, voltou para a floresta, junto ao seu marido-leão.

Quando sua segunda irmã se casou e ela foi novamente convidada para o wedding, disse ao leão: "Desta vez não viajarei sozinha; tu também deves ir comigo".

Mas o leão respondeu que essa viagem representava para ele grande perigo: se ali, na casa do pai dela, um raio de luz de uma vela acesa o tocasse, transformar-se-ia numa pomba e teria de voar durante sete anos junto com as pombas. "Ora, vamos comigo!", disse ela. "Eu te protegerei e guardarei de qualquer luz".

Assim partiram juntos pela estrada, levando até mesmo uma criança pequena. Ela ordenou que lhes preparassem um salão especial, protegido tão firmemente contra a luz que nenhum raio pudesse penetrar nele proveniente das velas do casamento, quando estas fossem acesas na casa; ali o leão deveria permanecer constantemente. Mas a porta desse salão foi feita de madeira verde, que abriu uma pequena rachadura, quase imperceptível ao olho humano.

O casamento foi celebrado com grande esplendor; quando, porém, o cortejo nupcial, ao retornar da igreja, passou diante do salão do leão com multidude de velas e tochas acesas, um raio de luz fino como um cabelo caiu sobre o príncipe encantado e, apenas o tocou, ele já se transformou numa pomba...

Quando a esposa foi ter com seu marido-leão, já encontrou em seu lugar uma branca pombinha! A pombinha disse-lhe: "Devo voar pelo mundo inteiro durante sete anos na forma de pomba; mas a cada sete passos deixarei cair uma gota de sangue e uma pena branca, que te indicarão meu caminho; e se seguires essa trilha, poderás libertar-me do encanto".

E assim a pombinha voou, e ela seguiu atrás dela, e a cada sete passos caíam diante de seus olhos no chão uma gotinha de sangue e uma peninha branca — indicando-lhe o caminho.

Assim ela continuou andando cada vez mais longe pelo mundo de Deus, sem olhar para trás, e já quase haviam passado os sete anos: ela já começava a alegrar-se e pensava que logo seriam libertos dos maus encantamentos, enquanto, entretanto, ainda lhes restava muito sofrer!

Certa vez, enquanto seguia pelo seu caminho habitual, as gotas de sangue e as peninhas de repente pararam de cair do céu, e quando ela olhou para cima, a pombinha desapareceu de sua vista!

Veio-lhe à mente que as pessoas não poderiam ajudá-la em sua desgraça; e assim foi ter com o sol e disse-lhe: "Tu iluminas todas as fendas e percorres o mundo inteiro; não viste acaso como voava a branca pombinha?" — "Não", respondeu o sol, "não vi nenhuma pombinha branca; mas posso dar-te uma caixinha, que só abrirás quando estiveres à beira da perdição".

Ela agradeceu ao sol e prosseguiu, caminhando até anoitecer, e quando a lua surgiu, perguntou-lhe: "Tu brilhas a noite inteira sobre as florestas escuras, sobre

os prados alagados — não viste acaso como voava a branca pombinha?" — "Não", disse a lua, "não vi nenhuma pombinha; mas eis que te dou um ovo, e esse ovo só quebrarás quando estiveres à beira da perdição".

Ela agradeceu à lua, prosseguiu e caminhou até que o vento noturno começou a soprar sobre ela. Então disse-lhe também: "Tu sopras por toda parte, pelas árvores, pelos arbustos, pelos ramos, pelas folhas — não viste acaso como voava a branca pombinha?" — "Não", respondeu-lhe o vento noturno, "não vi a pombinha branca; mas espera, perguntarei aos outros três ventos — talvez eles a tenham visto".

Os ventos oriental e ocidental nada tinham visto; mas o vento meridional disse: "Eu vi a pombinha branca; ela voou para o Mar Vermelho e lá tornou a transformar-se em leão, pois já completou os sete anos como pomba, e agora esse leão luta ali com um dragão, e esse dragão nada mais é senão uma princesa encantada".

Então o vento noturno disse-lhe: "Eis o conselho que te dou — vai ao Mar Vermelho; lá, na margem direita, crescem altas varas; conta delas a décima primeira, corta-a e golpeia o dragão; então tanto o leão quanto o dragão recuperarão sua forma humana. Depois olha ao teu redor e verás um grifo sentado junto ao Mar Vermelho; lança-te com teu amado sobre as costas dele: ele vos levará para casa através do mar. E aquela noz que tens contigo, quando estiveres no meio do mar, deixa-a cair, e ela imediatamente brotará, e crescerá da água uma grande nogueira, na qual o grifo poderá descansar, pois se não descansar no meio do mar, não terá forças para vos levar através do mar

transportar. Não te esqueças de deixar cair a noz, senão o grifo vos deixará cair no mar».

Ela chegou ao Mar Vermelho e encontrou tudo exatamente como o vento noturno lhe havia dito. Contou as varas na praia e cortou a décima primeira; com a vara golpeou o dragão, e o leão o venceu — e imediatamente ambos se transformaram em seres humanos.

Mas assim que a princesa, que havia sido transformada em dragão, foi liberta do encantamento, agarrou o jovem pela mão, saltou com ele para as costas do grifo e desapareceu.

Então a pobre viajante ficou novamente sozinha, abandonada por todos, deixou-se cair no chão e começou a chorar. Por fim, tomou coragem e disse: «Irei procurar o meu amado e procurá-lo-ei por toda parte onde o vento uiva e onde o galo canta, até o encontrar».

E partiu, e caminhou muito ou pouco tempo, até chegar ao castelo onde o seu marido vivia com a princesa. Ali soube que em breve se celebraria o casamento deles e, invocando a ajuda de Deus, abriu a caixinha que recebera de presente do sol: dentro dessa caixinha estava um vestido que brilhava tão intensamente quanto o próprio sol.

Ela tirou esse vestido, vestiu-o e dirigiu-se ao castelo, e todos os convidados reunidos para a festa, e a própria noiva, olhavam para ela com espanto; e o vestido agradou tanto à noiva que ela mesma quis usá-lo no casamento, e perguntou: «Não está à venda?» — «O vestido não está à venda, é sagrado», respondeu a abandonada, «não o dou por ouro, nem por prata, mas pelo que me é devido».

A noiva perguntou o que queria ela dizer com isso. E a outra respondeu: «Permite-me passar uma noite naquela câmara onde dorme o teu noivo». A noiva não concordou inicialmente, mas desejava obter o vestido, e assim finalmente concordou, porém ordenou ao servo do seu noivo que lhe desse uma bebida sonífera durante a noite.

Ao chegar a noite, quando o jovem já adormecera, a sua legítima esposa foi introduzida no seu quarto. Então ela colocou-se junto à cabeceira dele e começou a falar: «Sete anos seguidos segui-te, estive junto do sol e da lua, e visitei todos os quatro ventos, por toda parte procurei notícias tuas, ajudei-te na luta contra o dragão — acaso queres esquecer-me completamente?» O príncipe, porém, dormia tão profundamente que não ouviu as suas palavras, e apenas lhe parecia ouvir o vento sussurrar entre os abetos...

Assim que amanheceu, a esposa foi novamente retirada do quarto, e teve de entregar o seu vestido dourado à cruel noiva.

Quando também isto não ajudou, a infeliz esposa entristeceu-se, saiu do castelo para o prado, sentou-se ali e começou a chorar. E enquanto ali estava sentada, lembrou-se do ovo que a lua lhe havia dado: quebrou-o, e daquele ovo saiu uma galinha dourada com doze pintinhos dourados, que corriam à sua volta bicando alimento, e depois voltavam a acolher-se debaixo das asas da mãe, e tudo aquilo era tão belo que nada mais querido existia em todo o mundo branco.

Então ela levantou-se, conduziu-os pelo prado diante de si, e assim os guiou até que a noiva os viu da janela; e os pequenos pintinhos agradaram-lhe tanto que imediatamente desceu ao prado e perguntou: «Não estão à venda?» — «Vendê-los-ei não por ouro, nem por prata», respondeu a esposa abandonada, «mas pelo que me é devido; permite-me dormir mais uma noite naquela câmara onde dorme o teu noivo».

A noiva concordou e quis enganá-la, como fizera na vez anterior. Quando o príncipe entrou no seu quarto, perguntou ao servo o que significavam aquele murmúrio e aquele ruído que ouvira na noite passada.

O servo contou-lhe então que fora obrigado a dar-lhe uma bebida sonífera, porque uma infeliz qualquer passara secretamente a noite no seu quarto; e que naquela noite também lhe fora ordenado administrar ao príncipe a bebida sonífera. «Derrama a bebida junto da minha cama», disse-lhe o príncipe.

E assim, ao chegar a noite, a legítima esposa foi novamente introduzida no seu quarto, e quando começou a contar-lhe sobre suas tristezas e infortúnios, ele imediatamente reconheceu pelo som da voz a sua querida esposa, lançou-se para ela e exclamou: «Só agora fui por ti libertado dos encantamentos, pois até agora vagueei como num sonho, porque esta princesa estranha me encantou e tentou afastar-me de ti, mas Deus fez-me recobrar o juízo a tempo».

E então eles fugiram secretamente do castelo durante a noite, temendo o pai da princesa, um maligno feiticeiro, e montaram no grifo, que os transportou para além do Mar Vermelho; e quando estavam exatamente no meio do mar, ela deixou cair a sua noz sagrada.

Imediatamente cresceu dela uma grande noqueira, na qual o grifo pôde descansar, e depois trouxe-os para casa, onde encontraram o seu filho já crescido e tornado belo.

E viveram ali até à morte, em abundância e felicidade.